



Produção da Cultura na Pesca de Itapissuma ¹

Silvana MARPOARA²
Ana Cristina Almeida FIGUEIREDO³
Gilmar FURTADO⁴
Ângelo Brás Fernandes CALLOU⁵

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO : O presente artigo trata de uma experiência cinematográfica com a comunidade pesqueira da cidade de Itapissuma, litoral norte de Pernambuco, que não oferece oportunidades e nem acesso as produções culturais. Através desse relato é discutida a produção cultural do município, além de aspectos envolvendo turismo e o desenvolvimento local. A pescadora Joana, ex presidente da colônia de pescadores da cidade, e ainda muito atuante nas ações da pesca artesanal, descobre a câmera filmadora e mostra – a partir do seu olhar – os anseios desses profissionais do mar, em especial das mulheres pescadoras.

PALAVRAS CHAVE : Audiovisual; Cultura; Pesca; Desenvolvimento Local.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local , IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Produtora Cultural e Mestranda do Posmex-UFRPE, PE, email: marpoara@hotmail.com.

³ Engenheira Civil e Mestranda do Posmex – UFRPE, PE, email: acristina.1968@gmail.com

⁴ Historiador e Mestrando do Posmex – UFRPE, PE, email: gilmarfurtado@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor Titular da UFRPE, PE, email: peixes@elogica.com.br



INTRODUÇÃO

As margens do canal Santa Cruz, na junção das águas do rio e do mar, numa paisagem digna de cinema, está o município de Itapissuma no litoral norte do estado de Pernambuco. A cidade vive especialmente da atividade pesqueira (cerca de 70 % da população) e é o olhar diante desses profissionais apaixonados pelo mar - e também através deles - que este texto pretende revelar um pouco mais sobre as pessoas e a produção cultural dessa localidade.

Com uma população de pouco mais de 22 mil habitantes num território de 74 km, Itapissuma (que significa Pedra Negra), foi originalmente uma aldeia indígena e, no século XVII, ganhou sua primeira capela - a de São Gonçalo do Amarante - que dá nome ao mais importante evento cultural do município: a busca de São Gonçalo, que acontece no mês de janeiro. O curioso é pensar que, um município tão cheio de histórias esteja hoje reduzido a apenas um grande acontecimento cultural.

Não há teatro, cinema, biblioteca ou qualquer outro espaço dedicado à cultura na cidade de Itapissuma e as poucas atrações, como shows musicais ou grupos de coco e ciranda – tão típicos dessa região – acontecem, esporadicamente, como na festa de emancipação do município ou, ainda, em eventos isolados planejados pela prefeitura da cidade.

De acordo com CHAUI (2006), o direito à cultura, desde a origem da palavra *colere* que em latim significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar, que a cultura se aproxima do homem e, em especial, dessa comunidade voltada à pesca artesanal.

Por isso, a proposta é conhecer a vida, o trabalho e o dia a dia dessas pessoas através de uma câmera de vídeo. E, assim, como o pescador, antes de jogar a rede ao mar, estamos tecendo a rede, verificando a maré, escolhendo a rota e então produzir um vídeo documentário para ser exibido ali, em plena praça da cidade, como se fosse um cinema no meio da rua. Quem sabe isso anime as autoridades a investir em ações como a que estamos produzindo ou ainda em atividades culturais que tão bem representem os anseios da população de Itapissuma. Luz, câmera, ação... Itapissuma e sua caldeirada cultural estão nas telas do cinema.



Para falar em cultura (CHAUI, 2006) é necessária uma breve análise da comunidade da cidade de Itapissuma, que vive essencialmente da pesca (e das atividades agrícolas o que representa apenas 0,5 % do PIB do estado de Pernambuco. Mesmo tão próximo à capital do estado, cerca de 36 km ao norte, Itapissuma parece distante de tudo quando se trata de acesso à educação, trabalho, informação e também cultura.

Segundo dados do IBGE o município apresenta características muito preocupantes como taxa de analfabetismo acima dos 30 % e uma população muito jovem, mais de 12 mil pessoas até os 30 anos de idade, que sem oportunidade de estudo e trabalho acaba não contribuindo para a formação sociocultural da cidade.

E são esses jovens, maioria filhos de pescadores, que tem no cinema uma das suas referências de cultura seja através das vídeo locadoras ou dos filmes exibidos na TV, já que boa parte deles nunca esteve numa sala de cinema de verdade. E a idéia é colocar uma câmera nas mãos também desses jovens, que, certamente nos mostrariam um olhar muito peculiar dessa comunidade pesqueira e utilizariam o vídeo como instrumento de informação e formação pedagógica.

Mas pessoas precisam, no mínimo, de informação para se mobilizarem, mas, além disso, precisam compartilhar visões, emoções e conhecimentos sobre a realidade das coisas a sua volta, gerando a reflexão e o debate para mudança. (BRAGA & MAFRA, 2000, p.4).

Entre os habitantes de Itapissuma são os pescadores os que nos chamam a atenção e nos acompanham por esse passeio pela história e a cultura do município. E essa observação sobre a realidade do local em que vivem, e o dia a dia dessas pessoas diante da produção cultural, é que serão transformadas em um inédito produto de cultura: um vídeo documentário. O trabalho foi sendo construído aos poucos, a partir de várias visitas feitas à cidade e ao dia-a-dia de pescadores.

A idéia surgiu da necessidade de registrar, através de uma produção audiovisual, a realidade dos pescadores do Município e sua relação com a cultura. Afinal, o tema cinema está no imaginário de todos os nossos entrevistados, mesmo que jamais tenham ido ao cinema durante suas vidas. O resultado inicial desse trabalho resultou na produção de um vídeo sobre a primeira mulher pescadora a assumir, no Brasil, a presidência de uma Colônia de Pescadores: a Z-10 de Itapissuma.



ITAPISSUMA, TURISMO E CULTURA

Em 2001, o Jornal do Commercio de Recife produziu uma série de matérias sobre a política cultural nos municípios da região metropolitana do Recife e Itapissuma foi citada várias vezes, inclusive por não estar inserida num programa de políticas e desenvolvimento de cultura. Anos depois, a situação é a mesma. Ainda hoje não há – por exemplo – um ponto de cultura (projeto em larga expansão do Ministério da Cultura) na região. “A cada temporada recebemos diversas propostas para criação de novos pontos de cultura, mas ainda não recebemos uma proposta do município de Itapissuma, acho que as pessoas da cidade precisam se mobilizar para isso, urgentemente.”, declara a representante do Ministério da Cultura, na região Nordeste, Taciana Portella.

Itapissuma é um conhecido destino turístico, por conta das praias e bares, mas não pelas possíveis atrações culturais. Essa realidade se estende por toda região norte do estado, visto que outros municípios como Paulista, Abreu e Lima e Igarassu, também sofrem dessa falta de produção cultural.

Quando falamos em cinema podemos abranger também a exibição de filmes na TV e isso inclui as videolocadoras, que tanto atrai o interesse dos moradores de Itapissuma. Mesmo diante de um cenário cinematográfico, na junção do rio com o mar, a cidade não tem uma sala de exibição há mais de 30 anos – há quem diga que Bibiu foi o dono do cinema da cidade e que não há resquício dessa atividade cultural.

Segundo ALBUQUERQUE (2001), nas últimas décadas é que se começou a pensar numa temática regional para o teatro e o cinema como reconhecimento da importância dessa realidade e também como a tentativa de formar o povo a partir de seus próprios assuntos. Por isso, a idéia de produzir então um filme em Itapissuma com os pescadores e pescadoras está sendo uma forma de revelar a cultura e o olhar dos que vivem da atividade pesqueira local.

Manifestações culturais a exemplo do pastoril, do coco, da ciranda e das escolas de samba, assim como a formação de centros de cultura e cursos voltados para o entretenimento, são apontados como anseios de quem vive em Itapissuma. A prefeitura diz precisar de parceiros e financiamentos para manter e incentivar essas manifestações populares e justifica a atual situação da cultura na cidade. Em outra temporada, nos



meses de junho e julho a cidade também tenta produzir algumas atividades, ligadas às festas juninas, mas que ainda não atrai o mesmo público do verão.

Mas seja no verão ou no inverno uma das atrações – diretamente ligada à cultura de Itapissuma – está sempre em voga: a gastronomia. A famosa caldeirada, uma mistura de frutos do mar, peixes e camarões, é a grande pedida para quem quer conhecer um pouco mais dessa iguaria tão típica do litoral norte de Pernambuco. A receita tem origens diversas, uns dizem que foi criação de uma senhora que não tinha mais o que servir para visitantes e acabou juntando os restos numa mesma panela, outros dizem que foi devidamente criado para agradar o paladar de quem gosta das coisas do mar.

“Caldeirada” pode também ser um ótimo nome para essa miscelânea cultural da cidade de Itapissuma e que se pretende registrar. E esse registro é reflexo da inserção dessa comunidade na chamada indústria cultural (ADORNO, 1962). Pelo menos no aspecto do consumo, visto que não só os pescadores consomem cultura, mas também produzem, e fazem parte da chamada cultura de massa.



NÃO SEI NADAR... MAS CANTO, PESCO E FILMO

Duas câmeras, alunos de um curso de cinema e os pesquisadores desse projeto rumo a cidade de Itapissuma para encontrar Joana Mosinho, a primeira mulher a assumir, no Brasil, a presidência de uma colônia de pescadores e que agora estava prestes a viver um novo papel, o de cineasta. Joana, que já está acostumada a falar em público e tão bem representa sua classe de trabalhadores em encontros e seminários agora se vê



diante de uma câmera de vídeo. Algumas aulas para melhor operar o equipamento, uma breve conversa, e o que no começo parecia estranho, tão diferente da rede de pesca que ela costuma utilizar no seu ofício, aos poucos vai ganhando mais intimidade e deslumbramento diante dos olhos dela e também da tela.

Como todo documentário, que se propõe a documentar e registrar os fatos reais, sem roteiros pré estabelecidos, apenas direcionamos a nossa nova cineasta a mostrar – através da câmera – o que mais lhe interessava diante do mundo. A proposta era deixar que ela contasse sua própria história e fizesse seu próprio filme.

Nesse primeiro momento Joana mostrou a colônia Z-10, uma casa antiga com algumas dependências – inclusive uma sala onde freezers guardam peixes para venda, alguns móveis velhos e paredes descascadas fazem parte desse cenário. Como num passeio ela nos mostra cada canto desse lugar e também as pessoas que lá trabalham como Miriam, a atual presidente, e alguns pescadores que estavam sendo atendidos no momento da filmagem.

Depois foi a vez de escolher o local que Joana mais gosta na cidade para que fizéssemos uma breve entrevista. E foi na praça, diante da colônia, e as margens do canal, que ela falou sobre a pesca (que desde a infância está tão presente no seu cotidiano). Mas Joana também falou sobre cinema, curiosamente esse é um assunto que muito interessa a ela, e nos surpreende ao contar sobre o tipo de filme que mais aprecia : os de ação (como karatê, conan o bárbaro, entre outros) mas também os de romance.

E logo ela faz uma comparação entre os filmes e a sua vida. Ela nos fala de amor e romance, vistos no cinema, e diz que gostaria de ter vivido alguma coisa parecida. Afinal, Joana já casou algumas vezes, ficou viúva, separou e há alguns anos está sozinha e totalmente dedicada ao trabalho e a família.

Outro assunto do interesse de Joana é a música. Quando jovens ela cantava uma canção que parece emblemática na sua história de vida : Garota do Subúbio, de Fernando Mendes, que ela arrisca cantar durante a entrevista. Mas hoje, que ela diz ter recebido o evangelho, apenas músicas religiosas fazem parte do seu repertório. E mais uma vez , cantando um trecho de um hino evangélico, a música parece contar a vida dessa mulher que já cantou num recente encontro de pescadores, na Bahia.

“Sozinho estas a navegar... e o mar da vida grandes surpresas tem”



(HINO DE LOUVOR AO MAR, autor desconhecido)

A conversa com Joana parecia ter acabado quando ela nos revela ter sim um problema, o de não saber nadar ! Afinal, como pode uma pescadora que tem que lidar diariamente com o mar não saber nadar ? E é então que ficamos sabendo que ela não é a única. Um desejo das pescadoras desse lugar é poder um dia aprender a se jogar na água do canal sem qualquer receio. Deixar de ser “chumbinho”, como elas mesmas se denominam.

E como líder, Joana não poderia encerrar esse encontro, o primeiro de uma série que essa pesquisa se propõem a registrar com uma câmera de vídeo, sem deixar o seu recado. E o recado de Joana é destinado as mulheres.

“Gostaria de pedir que as mulheres se unam mais e que na época das eleições elejam uma mulher para defender os nossos direitos. Nós temos que fazer um trabalho voltado diretamente para a mulher”.

Joana Mosinho, pescadora de Itapissuma.

Ela cita também o programa das promotoras legais, que tem desenvolvido na colônia Z-10, um importante trabalho de conscientização, junto as pescadoras.

Esse primeiro registro termina com música e a promessa de que novos encontros e olhares, diante do trabalho de Joana e de outras pescadoras de Itapissuma, serão mostrados pelo cinema. A expectativa agora seria ver essas imagens com Joana.

Na comemoração do dia das mulheres, na colônia Z-10, de Itapissuma, alunos e professores da Universidade Federal Rural de Pernambuco promovem um evento em homenagem a essas mulheres e o vídeo é aguardado por todos. Joana se diz ansiosa e que agora virou artista. Durante a projeção do documentário os olhares atentos, os comentários paralelos e a surpresa com cada declaração.

Muitas palmas e Joana parece satisfeita com as imagens que fez e também com o que vê diante da tela. As outras pescadoras, animadas com tudo isso, agora querem contar suas histórias e aguardam a oportunidade. Visto que este projeto visa contemplar a



produção de mais 4 curtas metragens sobre essas mulheres e suas histórias de vida e de pesca.

È notável a importância desse material , não só como instrumento pedagógico, mas também como ferramenta de valorização dessas mulheres. Pois, ao se ver representada na tela, cada uma dessas pescadoras se sente valorizada e com uma possibilidade de explorar e compreender assuntos do seu cotidiano como : violência doméstica, relações pessoais e até auto estima. Além do contexto histórico, já que uma atividade como essa ainda não havia sido realizada e acaba documentando um determinado grupo social num determinado momento da história, a importância de um vídeo documentário é vital e só vem a agregar a produção cultural dessa comunidade.

Outra apresentação importante do vídeo foi durante um seminário, realizado na capital pernambucana, em comemoração aos 30 anos da carteira de pescador. Mais uma vez estava Joana presente ao evento e a exibição. E agora, junto a outras pescadoras de vários municípios e colônias do estado de Pernambuco, o vídeo documentário NÃO SEI NADAR... MAS CANTO, PESCO E FILMO foi visto com muita atenção e também recebido com louvos pela platéia presente. Após a exibição Joana brincava de dar autógrafos e fazia questão de contat sobre a experiência de ser cineasta e os pesquisadores desse projeto foram abordados, por outras pescadoras, que também demonstraram interesse em ter suas histórias e suas comunidades retratadas pelo cinema.

Assim, acreditamos que o vídeo cumpriu seu papel e nos fez perceber a importância de uma atividade como essa numa comunidade pesqueira. Mas esse é apenas o primeiro fruto de uma proposta audiovisual na comunidade de Itapissuma, que deverá gerar novos vídeos, novas histórias e novos relatos. Novas exibições já estão previstas, com a finalidade de mostrar um pouco do cotidiano das pescadoras do litoral pernambucano e aproxima-las de tantas outras mulheres e suas histórias em comum. Como bem propõem o vídeo documentário : essa história continua... E nós estaremos lá registrando cada uma delas.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. 2 ed. Recife : Editora Massangana, 2001.

BRAGA, Clara S. & MAFRA, Rennan L.M. Diagnóstico de comunicação do Projeto Manuelzão: a construção de um modelo de análise. *Anais da I Semana de Relações Públicas de Santa Catarina*. Itajaí - SC, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural*. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

ADORNO T.W. *A Esthetica*, Frankfurt am Main. 1968. p. 60-70.

MARPOARA, Silvana. Não sei Nadar... Mas Canto, Pesco e Filmo. Vídeo. Direção : Silvana Marpoara, Produção : Gilmar Furtado e Ana Cristina Figueiredo, Montagem : Bernardo Queiroz, Imagem : Antonio Silva e Joana Mousinho. Recife: Posmex UFRPE, 2008.